

ARTIGO

A COPA DO MUNDO ACONTECE MESMO NO BRASIL? MULTIDÕES ESPORTIVAS E COMUNIDADES IMAGINADAS NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

JEAN-JACQUES COURTINE*
CLAUDINE HAROCHE **

Tradução
Joseane Bittencourt***
Carlos Piovezani****

RESUMO

Este ensaio, escrito antes da Copa de 2014, destaca primeiramente os receios que presidiram a sua preparação: em meio a um conjunto de problemas políticos e sociais típicos da situação brasileira, reapareceu um temor mais geral das massas. Este trabalho realiza primeiro um sobrevôo teórico e histórico do medo das multidões nas sociedades de massa, desde o nascimento da “Psychologie des foules” de Gustave Le Bon na virada do século XIX. Ele mostra igualmente como o espetáculo esportivo se transformou, como as tribunas dos estádios foram pouco a pouco pacificadas e como este espetáculo conheceu com sua mediatização e sua mundialização transformações inéditas. Um novo homem dos estádios apareceu, assim como torcedores “globais”, pertencentes a comunidades imaginadas, redefinidas pela mundialização. O próprio futebol sofreu a mutação total de uma deslocalização radical e de uma mercadorização absoluta.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Multidões. Psicologia das massas. Medo. Espectáculo de massa. Comunidades imaginadas.

ABSTRACT

This essay, written before the 2014 World Cup, first of all reviews the fears that preceded its preparation: amid a set of social and political problems that are typical of Brazilian reality, the most general fear of the masses was revived. This paper begins with a theoretical and historical survey of the fear of crowds in mass society since the birth of Gustave Le Bon's *Crowds' Psychology* at the turn of the 20th century. It also shows how sports as a spectacle have changed since then, how grandstands and stadiums have been gradually pacified and how this spectacle has undergone new transformations through its media coverage and its globalization. A new man of the stadium has arisen, as well as "global" supporters who belong to imagined communities redefined by globalization. Football itself has gone through the total mutation of a radical delocalization and an absolute commodification.

KEYWORDS: Football. Crowds. *Crowds' Psychology*. Fear. Sporting spectacles. Imagined communities.

No Rio de Janeiro, a cem dias do pontapé inicial da Copa do Mundo, o carnaval já pulsava e celebrava as bodas do futebol e do samba, tal como o exige o imaginário nacional. No entanto, uma surda tensão acompanhou os desfiles nas ruas: “Sim ao Carnaval, não ao Mundial!”; cujos sinais podiam ser lidos aqui ou acolá.¹ A inquietude aumentou às vésperas do evento: os estádios ainda estão inacabados, os aeroportos, estradas e hotéis não foram entregues. Jamais, entre a população brasileira, a taxa de aprovação ao evento esteve tão baixa. As manifestações multiplicam-se contra o custo da Copa e o desperdício e a corrupção que a envolveu, em detrimento dos investimentos em saúde, educação e transporte público. Estes protestos culminaram em junho de 2013, em uma ebulição social sem precedentes, mobilizando centenas de milhares de manifestantes nas ruas – paradoxo de um país onde o futebol parece reinar sem maiores dissensões.

O medo das massas

Podemos, no entanto, apontar outra inquietude ocorrida às vésperas do evento, algo recorrente nessas ocasiões, um convidado habitual das manifestações de massa: o medo das multidões e de sua violência. Este medo é antigo, crônico e a grandiosidade do entretenimento esportivo na era da globalização não faz mais do que reforçá-lo. Temem-se os conflitos entre os manifestantes, que já fizeram 30 mortos no Brasil em 2013,² o recrudescimento das violências e das criminalidades ordinárias, mas também os estopins e as desordens anônimas das massas humanas compactas, e ainda a imprevisibilidade dos pânicos que repentinamente podem impor-se. Em consequência, medidas de ordem de uma escala excepcional estão sendo tomadas, mobilizando massivamente, além da polícia, o próprio exército brasileiro e suas forças especiais. Até mesmo uma lei antiterrorismo está ao passo

de ser adotada.

É necessário demorar-se um instante sobre esse recurso doravante banal aos exércitos nacionais quando eles são encarregados de deter as manifestações esportivas de massa: em Sotchi, foram os cossacos que impuseram sua ordem nas ruas.³ Com efeito, os Estados organizadores desses eventos devem considerar tanto as suas populações civis como também os exércitos de turistas que chegam ao país no período do acontecimento esportivo, aos moldes das invasões bárbaras. E ao passo que as novas tecnologias mudaram radicalmente a natureza do espetáculo esportivo contemporâneo, que os dispositivos visuais modificaram sem precedentes até a sua estrutura e que ele obedece doravante a formas inéditas de organização e de controle, conservamos o sentimento de que nada parece poder decididamente dissipar o antigo medo das multidões.

Ora, este medo nada tem de eterno nem de inevitável: ele emerge de uma longa história, feita de uma multidão de agrupamentos pacíficos e de alguns desdobramentos trágicos. É somente a estes últimos, no entanto, que tais agrupamentos parecem corresponder. E esta história é constituída igualmente de tentativas para compreender as massas, analisar o comportamento dos indivíduos humanos na multidão e sondar “a alma das massas”, como o pretendia Gustave Le Bon, considerado, na virada do século XX, como o inventor da psicologia das multidões.⁴ A psicologia tem, então, desempenhado um papel essencial na concepção que temos, na atualidade, dos agrupamentos humanos e de seus perigos. E a psicanálise igualmente, porque sabemos que a obra de Le Bon constituiu-se como uma das fontes a partir das quais se desenvolverá a reflexão freudiana sobre a psicologia coletiva.⁵

A história recente do medo das massas está especificamente relacionada ao futebol. Estádio de Heysel, Bruxelas, 29 de maio de 1985: a final da Liga dos Campeões da Europa tornou-se o palco de sangrentos

confrontos entre torcedores, que fizeram muitas dezenas de vítimas. Mas além da violência cega de alguns, foi a própria multidão que matou esses torcedores, foi a pressão da massa compacta que esmagou os corpos. “Os bárbaros”, “A Europa selvagem”, “O estádio do horror”, eis aí as manchetes da imprensa francesa do dia seguinte : é o próprio futebol que estava sendo “assassinado”.⁶ Imagens insuportáveis: a memória coletiva europeia conserva ainda hoje o traço visual, jamais verdadeiramente apagado, dessa “cena primitiva” onde o esporte moderno tem reencontrado a violência das multidões sob o olhar das mídias de massa. “Nunca mais!”, repete em coro os comentários, encontrando assim a fórmula que serve normalmente para conjurar o retorno dos assassinatos em massa, como se a escuridão e a névoa tivessem descido, naquela noite, sobre o estádio de Heysel.

É que esse grande medo e seus excessos, que são despertados pela perspectiva da próxima Copa do Mundo, inscreve-se em uma genealogia mais antiga: Le Bon não negaria nenhum dos termos dos quais a imprensa espontaneamente passou a se servir no dia seguinte ao acontecimento, tampouco Taine negaria sua inscrição nas profundezas da memória coletiva.⁷ A obra de Le Bon não deixa dúvidas: é o medo das massas, e nenhum outro, seu objeto de estudo. “A época em que adentramos será realmente a era das massas”, que inaugura um período histórico de desordens, de caos e de anarquia. Assim, Le Bon vê multiplicarem-se, entre os anos de 1880 e a Grande Guerra, os signos do inquietante poder das massas, prelúdio da destruição da civilização pela agitação destas “multidões inconscientes e brutais, justamente qualificadas de bárbaras.”⁸

Para compreender esse medo bem como os diferentes efeitos que ele exerce ainda sobre a representação dos agrupamentos humanos, é sem dúvida necessário situá-lo em seu contexto. Trata-se da “força cega do número”, ou seja, o desenvolvimento da democracia política é o que

inquieta fortemente Le Bon e alguns de seus contemporâneos, tal qual ela se manifesta, nos dois últimos decênios do século XIX, na violência política e social das greves, nos progressos dos movimentos dos trabalhadores e do socialismo, ou ainda na aventura do boulangismo. Mas a psicologia das massas também carrega o traço de saberes científicos de seu tempo: na antropologia criminal de Lombroso, Le Bon poderá encontrar os germes “criminógenos” que se abrigam nas massas humanas;⁹ Charcot, de cujas sessões Le Bon era assíduo, lhe fornece a ideia de histeria patológica das massas; como *Durkheim*, *Tarde* ou as grandes investigações sociais nas fronteiras da medicina e da sociologia nascente, Le Bon desejará descobrir “as leis da unidade mental das massas”, para tornar-se uma espécie de Claude Bernard da vida coletiva.¹⁰

A histérica e a massa

A psicologia das massas sela assim a aliança entre o medo e a ciência, o que sem dúvida explica uma boa parte de sua longevidade, porque nem um nem a outra estariam ausentes no curso do último século que terminou. As ideias centrais da psicologia das multidões atravessam todo o século XX, e chegam ainda praticamente intactas ao início do nosso, explicando o comportamento dos indivíduos nas massas. Há outra razão além disso: as características das multidões “descobertas” por Le Bon, que são propriamente a-históricas, remetem a massa ao um estado de natureza, e então quase não se vê o que poderia perturbar o seu caráter eterno. E *a fortiori* isso ocorre, na medida em que os estados psicológicos que elas manifestam – impulsividade, irritabilidade, volubilidade, exagero e simplificação dos sentimentos, credulidade... – são “observáveis em seres pertencentes a formas

inferiores da evolução, como o selvagem e a criança”,¹¹ e, poderíamos imediatamente acrescentar, a histérica. É nisso que consiste o que Le Bon reterá das lições de Charcot, relido à luz do darwinismo social: “as massas são sempre femininas, mas as mais femininas de todas as massas são as latinas.”¹² Compreendemos porque motivo a Copa do Mundo no Brasil é esperada com certa inquietude...

Um último elemento merece ser sem dúvida salientado, se quisermos compreender a surpreendente insistência das ideias de Le Bon: sua releitura empreendida por Freud em *Psychologie collective* não questiona seus fundamentos gerais. No máximo, Freud reprovou Le Bon por ter confundido os agrupamentos efêmeros e violentos com as multidões estáveis e permanentes, e por ter subestimado as pulsões da libido como fator essencial na constituição da “alma das massas”. Freud precisou ainda o que Le Bon compreendia como a sensibilidade à sugestão, o “contágio” que se impõe aos indivíduos da multidão: o estar-na-massa corresponde a um estado de sujeição, de fascinação apaixonada, numa relação hipnótica com o líder da massa, que ocupa o lugar do ideal-do-ego de cada um (ou da célebre caracterização freudiana da hipnose como “multidão a dois”). Freud enfatiza finalmente o desejo de conformidade e de pertencimento do indivíduo ao grupo de seus semelhantes, quando esse indivíduo “abandona sua singularidade” pelo “amor aos outros”.¹³ Foi assim que *La psychologie des foules* adquiriu uma relativa legitimidade na posteridade do conjunto da obra freudiana.

Estranho destino, no entanto, o das psicologia das multidões. Os usos que dela foram feitos no decorrer do último século poderiam ter sido suficientes para desqualificá-la. Isso porque o objetivo realmente perseguido por Le Bon foi o do controle e o da manipulação dos agrupamentos humanos no despertar da era das massas; e é justo concebê-lo como um dos inventores das formas modernas de propaganda política.¹⁴ Alguns de seus leitores não se enganaram quanto à

sua potencialidade: Hitler inspirou-se em grande medida nele em seu *Mein Kampf*, e a obra de Le Bon tornou-se o livro de cabeceira favorito de Mussolini.¹⁵ Mas nem essa pesada herança ideológica, nem a reestruturação dos agrupamentos populares pelas invenções tecnológicas, impensáveis quando Le Bon escreveu seu trabalho, alteraram esta opinião comum: é no quadro da psicologia das massas que ainda se representa mais frequentemente a vida das “emoções coletivas”. A história das emoções, cujo projeto desenvolve-se atualmente nas ciências sociais, necessita certamente lhe dirigir uma séria crítica.

A pacificação das tribunas

O que reter então de tudo o que concerne às massas festivas dos estádios contemporâneos, as quais o Brasil atualmente acolhe? Convém, primeiramente, distinguir os agrupamentos políticos, pensando em suas especificidades nacionais e culturais e considerando as transformações tecnológicas que alteraram profundamente sua natureza, para que possamos inscrevê-los em uma história que é verdadeiramente a sua e delinear uma genealogia dos públicos do espetáculo esportivo.

Uma leitura literal de Le Bon conduziria a superestimar a periculosidade dessas massas, a confundi-las com outras, a ver na sua violência um estado permanente em vez de irrupções efêmeras e, finalmente, a negligenciar seu caráter geralmente pacífico. As massas esportivas estão mais bem organizadas e são bem mais pacíficas do que antes. Se os transbordamentos agressivos são atualmente possíveis nos estádios e se a multidão possui ainda um caráter fundamentalmente instável, um traço e um esforço constante do processo civilizatório, no sentido que lhe foi atribuído por Norbert Elias, fizeram com que nas massas esportivas predominasse a ordem.¹⁶ É paradoxalmente assim que a tragédia de Heysel marcou profundamente os espíritos: lembra-se mais frequentemente dos acessos febris das multidões esportivas do que seu

funcionamento ordinário e mais frequentemente anódino, e esquece-se de que o limiar de tolerância às violências coletivas na atualidade é bem menor do que jamais foi outrora.

Não se pode, nestas poucas páginas, retrair uma genealogia detalhada do controle dos agrupamentos festivos. Desde o século XVIII, passou a haver uma preocupação constante da polícia com os espetáculos, na tentativa de impor o silêncio ao público dos teatros parisienses e de fazer com que nesses espaços reinasse a ordem. Seus dispositivos foram aperfeiçoados ao longo de todo o século XIX: técnicas de gestão dos agrupamentos humanos foram concebidas, aprendeu-se a canalizar e a conter a circulação das massas humanas no espaço urbano e aos saberes do governo sobre as populações foi adicionado um capítulo prático desse controle.

Suas lições foram aplicadas, no decorrer do século XX, no interior e no perímetro dos estádios. Foi por essa razão, por exemplo, que as aglomerações desordenadas definitivamente desapareceram desses espaços fechados onde os espectadores ficavam em pé e lado a lado,¹⁷ e apareceram sucessivamente em sua substituição fileiras de assentos nas tribunas e, depois, suas numerações nas arquibancadas, atribuindo a cada indivíduo uma única e precisa localização no espaço coletivo. Fechar, isolar, individualizar, mas ainda controlar os fluxos e os movimentos: é assim que as entradas e saídas dos estádios foram canalizadas, que os gargalos, os empilhamentos e as aglomerações foram progressivamente evitadas, e que tudo foi feito para favorecer a fluidez, o fluxo contínuo das multidões, enfim, a dispersão das massas humanas. É aqui que a polícia dos estádios encontra-se geralmente com a preocupação de controle sobre o tráfego nas cidades, ocasião em que se desenvolve toda uma cinética das populações, que foi estabelecida desde que o espaço urbano foi invadido pelo fluxo das multidões.¹⁸ O que é verdadeiro para o espaço o é também para o tempo dos agrupamentos esportivos: o

tempo é circunscrito e fragmentado, expectativas, preenchidas, a ocupação e a saída das tribunas obedecem ao tempo próprio do jogo, o instante dos movimentos apenas tornam-se possíveis no momento de suspensão das partidas.

O novo homem dos estádios

O estádio tornou-se enfim um espaço de distração, de um entretenimento que não se limita mais apenas à observação do jogo sobre o gramado, mas se aparenta a um espetáculo total. É preciso neste caso levar a sério a etimologia: distrair, isto é, *dis-trahere*, puxar de lado; divertir, isto é, *di-vertere*, fazer mudar de direção. É sem dúvida do olhar que se trata então aqui. Em primeiro lugar, a publicidade invadiu progressivamente o espaço visível pela proliferação de painéis e anúncios, situando assim o estádio na continuidade da cidade, uma espécie de não-lugar entre outros. Seu interior encheu-se de diversas distrações visuais, mas também auditivas: a música rapidamente fez sua aparição nesses espetáculos, e, após as formas breves dos números esportivos, vieram os sons que preenchem o tempo morto dos intervalos. Nos Estados Unidos, a invenção decisiva foi a das *cheerleaders*, jovens mulheres em roupas curtas, aos moldes das “líderes de torcida” das paradas, encarregadas de mobilizar e organizar, como seu próprio nome indica muito bem, as aclamações das massas. Mas sua função é principalmente a de evitar os transbordamentos da violência masculina, que sem dúvida se exprime com mais dificuldade na presença distratora do outro sexo.

No entanto, um passo decisivo foi dado no momento em que os telões foram implantados nos quatro cantos do estádio, onde os divertimentos do olhar foram levados ao seu ápice. Tal fenômeno possui ao menos duas razões: o movimento incessante do olhar dos espectadores da tela para o gramado fez com que este último deixasse de

ser o único lugar de espetáculo; esses telões funcionam como um espelho nos quais os próprios espectadores, pelo fato de serem ali eventualmente refletidos, fixam-se, à espera da possibilidade de repentinamente se reconhecer e de tentar garantir que, de algum modo, percebido coletivamente, em massa, como massa. Sabemos que se tem desenvolvido uma série de estratégias de disfarces e caricaturizações da aparência, destinadas a atrair para si o olhar da câmera (foi assim que se deu a transformação dos torcedores franceses de rugby em gauleses e desses Gauleses em alhos-poró...). Além disso, essas telas oferecem ao indivíduo isolado uma percepção de sua própria presença na massa que é impossível de ser apreendida a partir da posição que ele ocupa efetivamente. Prazeres singulares das distrações oculares inventadas nos estádios: é nesse redobramento imaginário, ao mesmo tempo “de dentro” e “de fora”, que o indivíduo pode consumir de uma só vez o próprio olhar sobre o jogo, mas também a visão das arquibancadas onde ele se encontra, como se estivesse em sua sala de estar e na companhia dos seus próximos; de longe, em suas casas, eles compartilham do mesmo olhar colocado sobre o espetáculo esportivo; enfim, o indivíduo pode no limite ver a si próprio em um seu semelhante, se ficar em sua própria casa. A potência especular deste dispositivo, tão familiar que passa despercebido, abre um espaço de reflexão sobre a condição do indivíduo moderno como um homem das massas, sobre como ele se constitui no campo do olhar: esse indivíduo pode estar tanto dentro como fora, aqui ou alhures, presente e ausente, e pode imaginar que pertence a uma comunidade em que as dimensões variam em função do instante e da direção do olhar. Não há mais substanciais diferenças entre torcedores deste ou daquele time, espectadores presentes no recinto e telespectadores diante de suas televisões. Eis o último prazer, enfim, desta nova condição especular do “homem dos estádios”: ele pode tornar-se o próprio ator do espetáculo, quando a ordem que rege as

arquibancadas eleva “espontaneamente” as “holas” de entusiasmo, essas ondas fluidas de corpos que viajam na multidão e carregam em seu paroxismo as novas formas de distração que os estádios hoje oferecem, a saber, aqueles da sujeição na alegria...

Temos a sensação, ao percorrer brevemente esta história, que, contrariamente ao que ocorre com o pensamento de Le Bon, Norbert Elias estava certo. As multidões esportivas na era das massas são incontestavelmente mais pacíficas do que elas outrora pareciam e prometiam ser. Mas como se pode ter tanta certeza? É aí que reside o problema das massas: não há fim para as formas de controle dos agrupamentos humanos, quer elas ocorram pela repressão quer ocorram pelo entretenimento. Esta é a eterna armadilha do governo das massas nas sociedades obcecadas pela prevenção dos riscos:¹⁹ risco de sua instabilidade, risco de sua imprevisibilidade face aos dispositivos que pretendem enquadrá-las. O Brasi preparou-se, então, para o pior...

Comunidades imaginadas

Outra questão posta sobre os dispositivos que regulamentam o espetáculo esportivo contemporâneo consiste não somente no reagrupamento das multidões nos estádios, mas, antes, na presença – invisível – das massas planetárias em frente à telas. A dificuldade para caracterizar a presença global e dispersa, contínua ou ocasional, atenta ou distraída do público das partidas de futebol na era do espetáculo globalizado é extrema.

No entanto, os fundamentos teóricos essenciais para o empreendimento dessa caracterização foram estabelecidos, aparentemente em outro contexto, na maneira como Benedict Anderson concebeu a ascensão dos nacionalismos mediante a noção de “comunidades imaginadas” (*imagined communities*).²⁰ Esse noção permite compreender como indivíduos distantes no tempo e no espaço

compartilham um mesmo imaginário que os ligam em uma identidade coletiva comum. O século XIX e as primeiras décadas do século XX foram o grande momento histórico da formação das entidades nacionais cujo poder produziu efeitos de amplitude que levaria tanto à construção de nações modernas como aos estragos provocados por sua incessante busca de expansão. A história das comunidades imaginadas não pertenceria somente ao passado e não mais ao nosso momento histórico, em que a globalização parece ter limitado aos Estados Nacionais um papel secundário? Nada é menos certo: a ideia das comunidades imaginadas constitui ainda um suporte teórico decisivo à condição de pensar sobre este mundo global que se tornou nosso.

Com efeito, Anderson não se esqueceu de salientar “a expansão planetária extraordinariamente rápida da imaginação de estilo nacional”. Mas especialmente, ele havia vislumbrado a futura potência dessas agitações e das transformações que a sucederiam. Disse ele “que elas mudaram completamente as concepções cotidianas do tempo e do espaço e, ao destruir as antigas comunidades, obrigou-nos a imaginar e a re-imaginar constantemente as nossas”.²¹ É justamente isto o que nos obriga à análise do acontecimento planetário da Copa do Mundo como espetáculo.

A Copa do Mundo é produto da comunidade imaginada, ou mais exatamente, produto “das” comunidades imaginadas. Elas podem, nessa ocasião, se confundir com os conjuntos nacionais de outrora. Além de suas fronteiras, a França, o Brasil e a Alemanha conservam suas tropas de torcedores, que estão presentes nos estádios, e qualquer que seja a distância eles aclamam sua equipe favorita. Vê-se a que ponto os dispositivos tecnológicos a serviço do campo do olhar contribuiu para uma profunda mudança nos modos de presença e de participação das comunidades no espetáculo. Se a Copa é um espetáculo, é da mesma forma um negócio. E como todo negócio, ele obedece à lei de ferro da

circulação das mercadorias e consiste na busca pelo lucro.²² Essas exigências comerciais engendram, no seio das comunidades reunidas nos estádios brasileiros ou dispersas em frente aos milhões de telas do planeta, tais processos paradoxais, que tornam legítimo colocar uma última questão: *a Copa do Mundo acontece mesmo no Brasil?*

Uma leitura atenta de Anderson faz supor o seguinte: “A mecânica implacável do capitalismo continua, nos nossos dias, sua empresa de desenraizamento sobre uma escala ainda mais vasta e a um ritmo mais consistente dentro das fronteiras nacionais, mas cada vez além de seus limites.”²³ Desse processo geral de desterritorialização das atividades e das experiências humanas pelo lucro e para o lucro, o esporte contemporâneo oferece um exemplo ostensivo, e a Copa do Mundo de futebol é provavelmente um paroxismo.

Sem querer retrair aqui a longa e complexa história dos esportes modernos, pode-se lembrar, porém, seu profundo enraizamento local e temporal nas comunidades tradicionais de onde eles surgiram. O rugby nasceu, afinal, no colégio inglês que leva o mesmo nome, e conservava um forte odor nacional durante muito tempo na França. A transformação do nome dos lugares onde se pratica o esporte como espetáculo de massa é, a este respeito, sintomático. Todo esporte é originalmente um esporte de *proximidade*: os estádios traziam o nome de seus bairros (Wembley ou Twickenham em Londres, San Siro em Milão) ou de sua cidade (o Stade-Vélodrome de Marselha), e estabeleciam, assim, relações de boa vizinhança com o seu público. Eles tendem hoje a abandonar esta proximidade toponímica para adotar nomes de *não-lugares*: eles evocam então a abstração da nação inteira (Estádio de France, em Saint Denis), ou uma pura atemporalidade (Millenium Stadium, em Cardiff), ou ainda acabam por revelar a lógica que está por trás de seus batismos mais recentes, o da mercantilização (Emirates Stadium, o nome da companhia aérea em vez de “Arsenal”, o nome do bairro). O que

acontece com o nome dos estádios será provavelmente o que acontecerá um dia com o nome dos clubes, sobre o modelo de franquias comerciais de futebol ou de beisebol americano, fazendo com que seus proprietários os desloquem de um lugar para outro do país de acordo com as oportunidades de mercado: foi dessa forma que o Brooklyn Dodgers tornou-se, um belo dia, os Los Angeles Dodgers. E sabe-se do trauma dos torcedores do Manchester United no dia em que sua equipe figurava no portfólio de ações dos ativos americanos, e da indignação dos torcedores do Cardiff, quando o novo proprietário tailandês do clube decidiu, pelo bem de sua expansão comercial sobre o mercado mundial, mudar as cores dos uniformes dos jogadores, do azul para o vermelho, estratégia utilizada para agradar os consumidores asiáticos. Não devemos esquecer, enfim, do último paradoxo do futebol mercenário: não havia, há alguns anos, nenhum jogador inglês na equipe do Arsenal campeão da Inglaterra...

Podemos conceber, portanto, facilmente o sentido de tais transformações: o capitalismo neoliberal da era da globalização arrancou progressivamente do futebol seu enraizamento local e identitário de suas próprias origens; ele o desarraigou de sua própria história para inscrevê-lo numa outra. O capitalismo, em consequência, modificou profundamente as formas de filiação e de pertencimento que reagrupam os torcedores em torno de clubes ou até mesmo de equipes nacionais. Logan Taylor é um fã incondicional do Arsenal, que dedica à sua equipe uma forma de culto apaixonado.²⁴ “É uma espécie de casamento, ele confessa. O Arsenal é a minha esposa.” Ele possui todos os signos característicos dos torcedores do clube inglês: camisa, cachecol, tatuagens, consumo astronômico de cerveja. No entanto, alguma coisa o diferencia de seus companheiros que vão ao estádio todo sábado: ele torce por uma equipe que nunca viu jogar. E por um simples motivo: ele

mora num subúrbio de Los Angeles. E se essa sua prática revela uma certa solidão, no entanto, num outro sentido, Taylor não está isolado: há muitos outros como ele, mesmo em Los Angeles, mas também em Berlim, Xangai, Sidney ou Johannesburgo. O mercado do futebol espetáculo levou a cabo a extensão das comunidades imaginadas – ou o amálgama das solidões, não sabemos direito como chamá-lo – a uma escala global. Nessas comunidades sem lugar, moventes e líquidas, inventou-se uma nova espécie cultural: “o torcedor planetário”, flutuante e desterritorializado, cuja filiação ao clube ou à equipe se sustenta antes pela imaginação do que pela comunidade, e se aproxima, sem dúvida, das fidelidades que se desenvolvem em relação às marcas comerciais.

Brasil invisível, Brasil visível, Brasil imaginário

O segundo aspecto desse processo nos leva de volta ao Brasil, porque o que lá está em jogo é menos a fabricação de comunidades afastadas do que a destruição de proximidades antigas. Para que a Copa do Mundo possa se desenrolar em condições ideais, tanto do ponto de vista do mercado, preocupado com o comércio próspero, quanto do Estado, desejoso de assegurar ao mundo uma imagem de ordem, é preciso que o Brasil empreenda uma vasta operação de saneamento de certas formas de cultura popular: limpeza quase “étnica” das favelas pelo exército. Em outros casos, foi à “raça” dos pobres que desta vez foi dado um determinado tempo para desocupar os lugares e cessar o tráfico; houve destruição de bairros inteiros em torno dos estádios e expulsão de seus habitantes para as periferias distantes; houve ainda reinvestimentos em bairros populares para que se tornassem assépticos e habitáveis pelas classes médias; promoveu-se o turismo e inflação sucessiva dos preços dos imóveis; deu-se enorme aumento no preço dos ingressos para os estádios e a exclusão dos desvalidos do interior dos espaços que antes lhes eram tão próximos... Em suma, foi necessário

tornar invisível o Brasil dos pobres, ainda historicamente inseparável da história do futebol deste país, para dar forma e promover uma outra imagem do Brasil que reclama o grande mercado da Copa.

Este é um Brasil imaginário, que foi forjado; um país que se livrou de uma boa parte de sua substância social. Para assegurar sua existência, essa utopia para o uso dos mercados e do turismo mundial tem necessidade de povoar os não-lugares, preenchendo o espaço vazio dos estádios de imagens estereotipadas de uma realidade brasileira asséptica. Surgem daí as necessidades de sua folclorização: o samba e o carnaval relembram, no espaço vazio e neutro do estádio, que tudo isso ocorre no Brasil, para o benefício dos turistas nômades e das massas planetárias que observam o evento. Os mercados mundiais, para mascarar sua abstração global, necessitam da cor local: daí advém uma intensa atividade semiológica, dedicada à fabricação de um Brasil que não é o Brasil real, mas um Brasil visível e vendável, inteiramente produzido a partir dos signos do Brasil. Um Brasil que se tornou ele mesmo um não-lugar e uma mercadoria.

Isso explica o papel essencial das cerimônias de abertura e de encerramento dos espetáculos esportivos globalizados, e as proliferações de imagens que desde então se tornaram tão típicas dessas circunstâncias. Além de sua força performativa (“Eu declaro aberto(s) o(s) Jogo(s). Eu declaro aberto a Copa do Mundo...”) e de sua função propriamente espetacular, trata-se aqui ainda e sobretudo de inscrever um mercado mundial, cuja existência se dá exclusivamente entre cálculos econômicos, não-lugares e telas, em uma utopia e em uma história imaginada: ontem, a eterna Rússia em Sochi; amanhã, o eterno Carnaval no Rio.

Quando a grande seleção alemã dos anos 80 e 90 jogava e parecia invencível, havia um ditado que foi atribuído a Gary Lineker, um famoso jogador inglês daquela época. A memória coletiva do futebol o conservou sob o nome de «o teorema de Lineker»: “O futebol é um

esporte em que jogam duas equipes, cada uma delas com onze jogadores, e são os alemães que vencem no final.” Com a realização da Copa do Mundo no Brasil, faz-se necessária uma sua reatualização: “A Copa do Mundo é um evento que ocorre a cada quatro anos; e ao que tudo indica, em 2014, acontece no Brasil, e será o mercado que vencerá no final.”

Notas

* Professor de Estudos Europeus da Universidade de Auckland; 2003-2011: Professor de Antropologia Cultural da Universidade de Sorbonne Nouvelle (Paris III). E-mail: jj.courtine@wanadoo.fr

** Diretora de Pesquisa do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS). E-mail: clharoche@aol.com

*** Doutoranda em Linguística no PPGL/UFSCar.

**** Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar e Coordenador do PPGL/UFSCar e do Laboratório de Estudos do Discurso da UFSCar. (caso o conjunto de informações seja demasiado extenso, sugiro a retirada de "e Coordenador do PPGL/UFSCar..."). E-mail: cpiovezani@yahoo.com.br

¹ A cent jours du Mondial, un carnaval de critiques. (A cem dias da Copa do Mundo, um carnaval de críticas). In: *Le Monde*, 4 de março de 2014.

² Un supporter battu à mort à quatre mois du Mondial. (Um torcedor é morto a quatro meses da Copa do Mundo). In: *Le Monde*, 25 de fevereiro de 2014.

³ A Sochi, les Cosaques à la rescousse. (Em Sochi, os cassacos foram ao resgate). In: *Le Monde*, 10 de fevereiro de 2014.

⁴ LE BON, Gustave. La psychologie des foules. Paris, PUF, 1983 (1895). In: *Psicologia das multidões*. Trad. Ivone Moura Delraux. Coleção Pensadores. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1980.

⁵ FREUD, Sigmund. Psychologie collective et analyse du moi. In: *Essais de psychanalyse*. Paris, Payot, 1981 (1921). (FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. XVIII, 1959 (1921), pp. 89-179.)

⁶ Manchetes dos jornais *Matin de Paris*, *Libération*, *France-Soir* e *L'équipe*, respectivamente, publicados em 30 de maio de 1985.

⁷ É na descrição que Taine fez das massas da Revolução Francesa em *Les origines de la France contemporaine* (Paris, ..., 1878-1887) que Le Bon encontrou uma boa parte de suas referências e de sua inspiração.

⁸ LE BON, Gustave, *op. cit.*, pp. 3-4.

⁹ Ideia que será desenvolvida em um mesmo contexto por SIGHELE, Scipio. *La foule criminelle. Essai de psychologie collective*. Paris, Alcan, 1891. (SIGHELE, Scipio. *A multidão Criminosa. Ensaios de psicologia coletiva*. Rio de Janeiro: Editora Simões, 1954).

¹⁰ Sobre o contexto político e cultural dos trabalhos de Le Bon, ver: BARROWS, Suzanna. *Miroirs déformants. Réflexions sur le foule en France à la fin du XIXème siècle*. Paris, Aubier, 1990; NYE, Robert. *The Origin of Crowd Psychology. Gustave Le Bon & The Crisis of Democracy in the 3rd Republic*. London, Sage, 1975.

¹¹ Gustave Le Bon, *op. cit.*, p. 17.

¹² *Ibidem*, p. 19.

¹³ FREUD, Sigmund, *op.cit.*, p. 152.

¹⁴ Sobre a posteridade de Le Bon, ver: TCHAKHOTINE, Serge. *Le viol des foules par la propagande politique*. Gallimard, 1939. (TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1967).

¹⁵ Ver, respectivamente: GOONEN, Jay Y. *The Roots of Nazi Psychology*. Lexington, The University Press of Kentucky, 2013, p. 92; et GINNEKEN, Jaap van. *Crowds Psychology & Politics, 1871-1899*. Cambridge, Cambridge University Press, 1992, p. 186.

¹⁶ Ver: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Sport & civilisation. La violence maîtrisée*. Paris, Fayard, 1986.

¹⁷ Mudanças ocorridas, particularmente, após os desastres ocorridos no Estádio de Hillsborough, em Sheffield, em 1989, e no Estádio Furiani, em Bastia, em 1992.

¹⁸ Ver, particularmente: SENNETT, Richard. *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização Ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2006.

¹⁹ Ver: BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2011.

²⁰ Empregamos aqui a tradução mais literal de “comunidades imaginadas”, em vez do termo mais frequentemente utilizado “comunidades imaginárias”, que apresenta o inconveniente de fazer pensar que se trata nesse caso de realidades ilusórias, fantasmáticas, puras virtualidades. As comunidades imaginadas produzem efeitos materiais tanto quanto as comunidades reais. Ver: ANDERSON, Benedict. *L’imaginaire national. Réflexions sur l’origine et l’essor du nationalisme*. Paris, La découverte, 1996.

²¹ *Ibidem*, p. 9.

²² Em 2010, na Copa do Mundo organizada na África do Sul, foram enviados para a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), autoridade tutelar do futebol mundial, 4,2 bilhões de dólares, sendo que 2,4 bilhões de dólares foram pagos pelas emissoras de TV pelos direitos de transmissão. Isso não inclui os lucros alucinantes das empresas privadas beneficiárias do evento. (*Les échos*, 5 de dezembro de 2013).

²³ ANDERSON, Benedict, *op. cit.*, p. 11.

²⁴ What Turns an American into a Diehard Arsenal Fan? (O que torna um americano fã incondicional do Arsenal?) In: *The Guardian*, 28 de fevereiro de 2014. Agradecemos a William Sidnam por esta referência.

Data de envio: 10/01/2014.

Data de aceite: 18/01/2014.